

USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor João Grandino Rodas
Vice-reitor Hélio Nogueira da Cruz

edusp

EDITORADA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Carlos Alberto Barbosa Dantas

Antonio Penteadó Mendonça

Chester Luiz Galvão Cesar

Ivan Gilberto Sandoval Falleiros

Mary Macedo de Camargo Neves Lafer

Sedi Hirano

Editor-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Seção Téc. Editorial Cristiane Silvestrin

Andrey Cordeiro Ferreira

TUTELA E RESISTÊNCIA INDÍGENA:

Etnografia e História das Relações de Poder entre os Terena e o Estado Brasileiro

edusp

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. Adaptado conforme normas da Edusp

Ferreira, Andrey Cordeiro.

Tutela e Resistência Indígena: Etnografia e História das Relações de Poder entre os Terena e o Estado Brasileiro / Andrey Cordeiro Ferreira. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

432 p.; 25,5 cm.

Inclui bibliografia.

Inclui anexos.

ISBN 978-85-314-1357-5

1. Antropologia cultural e social. 2. Terena. 3. Mudança social.
I. Título. II. Título: Etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado brasileiro.

CDD 306.08

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária

05508-050 – Butantã – São Paulo – SP – Brasil

Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150

www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2013

Foi feito o depósito legal

SUMÁRIO

Agradecimentos	11
Prefácio	15
Introdução	21
1 Ordem e Anarquia na Sociologia: Confrontação de Paradigmas de Conhecimento e Mudança Social	35
1.1 Resistência e Dominação: A Análise das Relações de Poder	37
1.2 Como Dominar?: “Colaboração de Classe” e “Formas Cotidianas de Colaboração” ...	39
1.3 A Política na Antropologia e a Teleologia / Paradigma da Ordem	44
1.4 A Crítica da Crítica da Antropologia: Os Conceitos de “Sociedade e Cultura”	48
1.5 A Guerra das Sociologias: Sobre a Descolonização do Pensamento e a Constituição de um Paradigma Anárquico-insurgente	63
2 Territorialização e Resistência Indígena	71
2.1 Signos da Superioridade, Códigos do Domínio	73
2.2 Política Indigenista e Regime Tutelar: Construção e Metamorfoses	78
2.3 Tutela e Frentes de Expansão Econômica	82
2.4 Terras Indígenas e Grupos Étnicos	86
2.5 Estrutura Fundiária, Economia e Sociedade Regionais	89
2.6 As “Retomadas” e a Emergência do Protagonismo Étnico: Mudanças no Campo e Arenas de Relações Interétnicas (1970-2006)	95

PREFÁCIO

Os relatos de viagem à América precederam de quase cinco séculos o aparecimento da etnografia e de uma etnologia americanista. Poucas vezes, porém, os pesquisadores se deram conta de que suas formas narrativas e a delimitação de seus objetos de conhecimento não foram feitos no vácuo, como se estivessem em um laboratório, mas que caminhavam sobre um entrelaçado de interpretações precedentes. Que os significados atribuídos à sua produção científica não resultaram apenas de escolhas intelectuais, mas de formas discursivas e gêneros narrativos que socialmente canalizaram o modo de ver e de falar sobre o “outro” (o autóctone).

O narrador das etnografias frequentemente costuma passar ao leitor a impressão de que o ver, o escutar e o sentir são faculdades naturais, atos tão inconscientes como o falar ou o respirar, os quais não exigem nem possibilitam informações adicionais, uma vez que elementos de consciência podem comprometer seu suposto automatismo. A autoridade etnográfica, portanto, independente da sofisticação teórica ou metodológica do narrador, parecendo estar fundamentada, assim, na viagem e no fato de estar ali.

Andrey Cordeiro Ferreira nos leva a conhecer os Terena – um povo indígena estudado por destacados antropólogos – através de outro modelo de etnografia, visceralmente crítico. Fragmentar o presente do passado, isolar o local de outras escalas, ignorar as condições de produção dos dados – estes, entre outros, são artificios analíticos e narrativos que ele descarta inteiramente. Em momento algum deste livro o autor supõe uma identidade naturalizada entre ele e o leitor, evitando apossar-se de um artefato narrativo – cômodo mas produtor de distorções – que viesse a assegurar a cumplicidade do leitor.

A cada momento o autor nos mostra como o seu olhar foi construído em função da pesquisa que realizou, explicitando as categorias conceituais e os interesses teóricos que o moveram.

Ao evidenciar de maneira sistemática a formação de suas ferramentas cognitivas e das perguntas que o inspiraram, o autor, em suas próprias palavras, pratica “um revezamento contínuo entre a etnografia e a reflexão teórica”, distanciando-se radicalmente das etnografias convencionais.

Compartilhando com o leitor interpretações e debates da antropologia, o autor estabelece uma relação distinta com este, permitindo a reconstrução do percurso intelectual do etnógrafo. Em termos de narrativa, o olhar do leitor é sutilmente transportado do olhar genérico de um leigo à perspectiva de um praticante da antropologia. Nesse sentido, o livro possui uma dimensão formativa importante, recuperando discussões relevantes e atuais, podendo contribuir em muito para o ensino da disciplina no Brasil.

Eu diria ainda que este livro recupera aspectos importantes da interlocução da antropologia brasileira com a teoria política (especialmente o socialismo e suas diferentes vertentes), assim como com correntes de pensamento dentro da antropologia (como a antropologia política, o africanismo, os estudos de etnicidade, entre outros). Vem também inserir-se nas originais linhas de investigação praticadas pela antropologia brasileira, questionando o dualismo entre tradição e modernidade, recuperando a dimensão histórica e percebendo a presença do Estado nas manifestações políticas e culturais locais.

Falar em tutela, algo de certo modo imposto até recentemente pelas normas jurídicas e administrativas, pode ser resultado de uma observação corriqueira aos etnógrafos. A noção de “regime tutelar” (Pacheco de Oliveira, 1988), contudo, traz consigo outras implicações analíticas, apresentando-se como uma ferramenta para a etnografia e a interpretação etnológica. Andrey Cordeiro Ferreira aporta aqui uma nova contribuição, evidenciando que o regime de super-exploração do trabalho indígena, baseado na discriminação étnica, está de fato articulado com a existência de reservas indígenas. Ao nos revelar que grande parte da força de trabalho empregada nas usinas de Mato Grosso do Sul é indígena, o autor desmente a crença quase generalizada de que os povos indígenas não têm papéis significativos nas economias locais, mostrando que mecanismos de proteção caminham paralelamente a estratégias de gestão do desenvolvimento regional.

Em vez de reificar a situação de contato, utilizando-a como causa de afastamento das instituições nativas de uma suposta condição de autenticidade, o autor pluraliza a história dos Terena, ali identificando a operação de diferentes regimes de poder. Assim, ele nos revela que, por mais de duzentos anos de contato permanente com os “brancos”, os Terena puderam manter um elevado grau de autonomia territorial e política. A implantação de um sistema de dominação não decorre diretamente do contato, mas da modalidade do contato, da rede de relações e das finalidades concretas de que o contato está revestido.

Embora o autor seja um excelente etnógrafo e esteja respaldado por uma sólida documentação de campo e de arquivo sobre os Terena, este livro não pretende apenas transmitir a seus leitores conhecimentos sobre um povo indígena específico. Visa também a fornecer elementos para uma interpretação de processos políticos e socioculturais que afetam a grande maioria da população indígena brasileira. É de grande utilidade, assim, para pensar sobre a

organização política dos indígenas contemporâneos, permitindo compreender melhor os impactos locais de políticas públicas (sobretudo através do exame dos papéis de “cacique/capitão”, “liderança” e “professor indígena”), bem como os efeitos das engrenagens partidárias e das disputas eleitorais na distribuição de poder dentro das aldeias.

Em suas conclusões ele destaca a novidade do contexto atual, em que as associações indígenas disputam com a Funai o poder de gestão dos recursos econômicos e da terra. Em vez de propor previsões de futuro, ele se esmera em analisar o jogo de forças existente e em buscar identificar os fatores ali intervenientes. Um etnógrafo que o precedeu na pesquisa com os Terena via o indígena como um condenado vendado e amordaçado, a caminho do patíbulo. Em conclusões radicalmente antagônicas, o autor nos diz que os rumos dos processos que descreveu são ainda abertos e indeterminados, destacando a importância da realização de novos estudos de modo a avançar no conhecimento da dimensão local.

Há um preço muito alto a pagar pelas ilusões de um realismo *naïf* – é a fusão de horizontes entre o pesquisador e o público de sua monografia. Público este que não é constituído de “nativos” e sim de um conjunto letrado de pessoas que ocupam um lugar relativamente privilegiado na hierarquia social, frequentemente mantendo interesses e modos de pensar em flagrante antagonismo com os indígenas.

Andrey Cordeiro Ferreira coloca fora de seu bernal – de etnógrafo em campo e, posteriormente, de sua escrita como etnólogo – as identificações valorativas com as crenças e posturas coloniais. Para esta narrativa antropológica, que não possui lugar para um “salvador de índios” nem para um “especialista” da cultura alheia (essencializada, reificada), não há área alguma de aresta com os intelectuais escolarizados indígenas (advogados, antropólogos), que já de princípio estão situados de maneira distinta. O que o antropólogo pode fazer é descrever o embate que se anuncia entre forças que buscam romper com o regime tutelar e outras que buscam reinseri-lo em um novo contexto nacional e internacional, indicando os fatores que podem intervir nos rumos deste confronto. O foco desta pesquisa não é o índio objetificado do indigenismo nem das miradas relativizadoras do culturalismo, mas um sujeito histórico que se autoconstrói por meio de enfrentamentos e espelhamentos diversos ocorridos em múltiplas escalas.

JOÃO PACHECO DE OLIVEIRA

Antropólogo, Professor Titular do Museu Nacional/UFRJ